

A fragmentação da identidade religiosa dos jovens portugueses

Fragmentation of the Religious Identity of Portuguese Young People

João Matos
Eduardo Duque²

RESUMO

Existe uma ideia generalizada de que os jovens estão cada vez menos ligados à religião. Os motivos prendem-se com a crescente secularização da sociedade, a perda de identidade religiosa e da credibilidade e influência das instituições religiosas, o aumento das tendências materialistas e do imanentismo.

Com recurso a entrevistas a jovens e a agentes de pastoral, confirma-se a perceção que a ligação dos jovens à Igreja tem vindo a declinar, sendo, contudo, naturalmente, distintos os motivos apresentados pelos jovens e pelos agentes de pastoral.

Apesar desta ligação ser agora marcada pela indiferença, não se encontra desprezo ou qualquer beligerância perante o fenómeno religioso. Permanece, sem qualquer dúvida, uma forte influência histórica e cultural da religião católica no discurso dos jovens.

Palavras-chave: Modernidade líquida, secularização, apatia social, rebeldia consumista, individualismo.

ABSTRACT

There is a widespread idea that young people are less and less connected to religion. The reasons are related to the growing secularization of society, the loss of religious identity and the credibility and influence of religious institutions, the increase in materialist tendencies and immanentism.

The use of interviews with young people and pastoral workers confirms the perception that the connection of young people to the Church has been declining, although, of course, the motives presented by young people and pastoral workers are different.

Although this connection is now marked by indifference, there is no contempt or any belligerence towards the religious phenomenon. There remains, without any doubt, a strong historical and cultural influence of the Catholic religion in the discourse of young people.

Keywords: Liquid modernity, secularization, social apathy, consumerist rebellion, individualism.

¹ Professor de Educação e Moral de Religiosa Católica. Porto. joao_manuel_matos@yahoo.com

² Professor da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Católica Portuguesa e Membro do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho. Guimarães. eduardoduque@ucp.pt . Submetido em: 31/05/2021; aceito em: 30/12/2021

Introdução

O presente estudo visa analisar *a relação entre os jovens portugueses e a religião*, tendo por base o enfoque e os pressupostos básicos da Sociologia da Religião.

O tema do trabalho surgiu pelo desejo de encontrar respostas para dificuldades sentidas na relação entre estas duas áreas: os jovens e a religião. No entanto, cedo se percebeu que, no lugar das respostas ou conclusões almejadas, surgiam novas perguntas e inquietações.

Surgiu, assim, a questão que moverá todo o trabalho e motivou o empenho em clarificar a ligação entre as duas temáticas: *que relação existe entre os jovens portugueses e a religião na sociedade contemporânea?*

Numa sociedade marcada por uma crescente secularização, com uma perda de credibilidade e influência por parte das instituições eclesiais, parece haver uma ideia generalizada de que os jovens estão cada vez menos ligados à religião. Vive-se numa modernidade claramente líquida que, como referia Bauman (2001), se caracteriza por uma época cujas relações sociais, económicas e de produção são frágeis, fugazes e flexíveis. Tal facto, gera, em termos sociais, uma certa apatia da comunidade, um maior individualismo por parte dos seus membros, atitudes relativistas em relação ao que os rodeia e uma rebeldia consumista que vem como que compensar a velocidade a que tudo acontece. Nesta onda relativista, a dimensão religiosa passou a ser uma entre várias outras, perdendo os privilégios de ser a única dadora de sentido a quem as comunidades se reviam e reconheciam legitimidade (Duque & Vázquez, 2020). Naturalmente, os jovens vivem no seu contexto e todos estes aspetos influenciam e determinam as suas vidas.

Neste estudo procura-se questionar que relação têm os jovens com a dimensão religiosa. Terá sido ela banida das suas vidas? Ocupará um lugar central ou é relegada para segundos e terceiros planos?

Parece que, quanto mais correta e verdadeira for a perceção do *lugar-social* onde se inserem os jovens, melhor será a compreensão da relação de consonância, fraturante ou simplesmente distante entre os jovens e a religião.

Assim sendo, depois de apresentar a problematização do tema, que assumirá a primeira parte do texto, elaborar-se-á, na segunda parte, o enquadramento teórico, resultante da compilação das várias fontes consultadas e que servirá de base para posterior análise e interpretação dos dados obtidos; posteriormente, descreve-se a metodologia utilizada, fazendo-se também relato dos momentos de rutura com os pré-conceitos previamente adquiridos acerca do tema em questão; depois, será apresentada a análise, a interpretação e a discussão dos dados provenientes das entrevistas, a partir do referencial teórico já mencionado; e, por último, partilhar-se-á uma síntese final com as ideias mais marcantes deste estudo.

Enquadramento teórico

David Kinnaman (2011), no livro intitulado *You Lost Me*, propôs-se estudar as preocupações, esperanças, desilusões e deceções dos jovens que deixaram a Igreja e, em alguns casos, a fé.

Como se pode seguir Jesus - e ajudar os jovens a seguir Jesus na fé - no meio de uma dramática mudança cultural? Esta é a pergunta-chave que o autor coloca no seu trabalho e, para a qual, não apresenta conclusões, mas novas perguntas. Entende, também, que é necessário e fulcral para a nova geração uma educação que se enquadre em determinando parâmetros para que os jovens possam seguir adiante abraçando a fé.

Ao analisar as causas do afastamento dos jovens das Igrejas, Kinnaman admite que esperava encontrar uma ou duas razões principais, mas descobriu uma grande variedade de frustrações que levam as pessoas a esse abandono.

Alguns jovens veem a Igreja como não-criativa, superprotetora e sufocante. Outros cansam-se de ensinamentos superficiais e da repetição de lugares-comuns. Os mais intelectuais supõem uma incompatibilidade entre fé e ciência. Tem-se, também, a percepção de que a Igreja impõe regras repressivas quanto à moralidade sexual. Além disso, as tendências atuais a enfatizar a tolerância e a aceitação de outras opiniões e valores colidem com a afirmação de que o cristianismo possui verdades universais. Outros jovens dizem que Igreja não permite que expressem as suas dúvidas, e que as eventuais respostas a essas dúvidas não são convincentes.

Kinnaman (2011) também percebeu que, em muitos casos, as Igrejas não conseguem formar os jovens com suficiente profundidade. Uma fé superficial deixa adolescentes e jovens adultos com uma lista de crenças vagas e uma desconexão entre a fé e a vida diária. Como resultado, muitos jovens consideram o cristianismo enfadonho e irrelevante.

Caracterização Social

Zigmunt Baumann (2001), na obra *Modernidade Líquida*, apresenta uma análise da sociedade e das culturas de hoje recorrendo à metáfora da fluidez e dos líquidos. Para Baumann (2001) a sociedade é como

os fluidos, pois estes diferentemente dos sólidos, não mantêm a sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou tornam-no irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas “por um momento” (p. 7).

Neste sentido, ser moderno passou a significar, como significa hoje em dia, ser incapaz de parar e ainda menos capaz de ficar parado. O ser humano contemporâneo adapta-se a cada situação como o camaleão para salvar a sua vida, mas não cria relação e estabilidade, não é sólido, na metáfora de Baumann (2011).

Existe uma superioridade incondicional do sedentarismo sobre o nomadismo. Denota-se, das convulsões sociais, uma vontade *emancipatória* sobre a história e sobre as gerações anteriores, nas quais o pensamento crítico-construtivo, os valores, a liberdade e a estabilidade faziam parte da estrutura da sociedade.

O primado da vontade do *indivíduo* sobre o bem comum revela o forte antropocentrismo que caracteriza a modernidade. As estruturas organizadas não apelam aos valores do bem-comum, mas ao bem de cada indivíduo e, em muitos casos, em detrimento do bem do outro. Também no campo espiritual torna-se explícito o individualismo, um “individualismo subjetivo, referente a um conteúdo eminentemente prático-utilitário, em que se procura individual e cognitivamente o que funciona, sem olhar aos meios para se alcançar os fins” (Duque, 2014, 33).

A *cultura de massas*, para Baumann (2001, p. 7) é: “uma lesão cerebral coletiva causada pela ‘indústria cultural’ que planta uma sede de entretenimento e diversão no lugar que deveria ser ocupado pela pela doçura, pela luz e pela paixão de fazer com que estas triunfem”. O que emerge no lugar das normas sociais evanescentes é o ego nu, atemorizado e agressivo à procura

de amor e de ajuda e, para isso, muito tem contribuído o poder das redes sociais (Delmazo & Valente, 2018; Pescarolo & Zagonel, 2019).

Usar uma máscara é a essência da civilidade. As máscaras permitem a sociabilidade pura, distante das circunstâncias do poder, do mal-estar e dos sentimentos privados das pessoas que as usam. No entanto, pode fazer surtir o efeito contrário, fazendo com que as pessoas nunca cheguem a reconhecer-se naquilo que elas são na realidade, impedindo as relações verdadeiras que farão com que a pessoa se possa inserir na sociedade sem medo de julgamentos. No setor juvenil, assiste-se a uma incapacidade de olhar para o futuro; os jovens não têm perspetivas e, por isso, nem sempre têm alegria de viver. Vive-se, em muitos casos, uma apatia generalizada. Algumas das razões que levam a esta apatia e incapacidade passam pela vulgaridade e empobrecimento estético, passam por colocar a fasquia mais abaixo e por se infantilizar todo o processo de vital.

Sociedade e religião

Vive-se hoje numa *complexa* e acelerada cultura, num mundo *saturado pela tecnologia* digital. A nossa cultura está a mudar rapidamente, gerando muita perplexidade nas pessoas: as redes sociais, os *media* mantêm-nos ligados superficialmente e assoberbados por dados, opiniões e *informação nem sempre verdadeira*.

O grupo *Barna* (Kinnaman, 2018), tendo por base a metáfora da deportação dos antigos judeus de Jerusalém para a Babilónia, chama à cultura atual a *digital Babylon*, que se traduz numa sociedade plural, acelerada, frenética, marcada pela diversidade e pela influência do digital, onde a fé é desconsiderada, cujo ídolo será o *encaixar-se, o corresponder a um determinado tipo*. E nesta mudança cultural acelerada, sobretudo, nas últimas três décadas, muitos cristãos sentem-se como os antigos judeus, face a Jerusalém: como que exilados. Quando forçados a ir para a Babilónia, a sua visão do mundo foi alterada, tiveram de se ajustar a uma nova realidade, tiveram de reinventar as práticas do Judaísmo num mundo onde o Templo (epicentro de sua vida religiosa) deixara de existir. Tiveram de repensar a sua própria história e reexaminar a sua compreensão do seu lugar no mundo. Do mesmo modo, pode inferir-se que a rápida *deportação* para a *Babilónia digital* poderá ser também a responsável por um determinado mal-estar religioso experienciado na contemporaneidade.

Com a expressão *o mal-estar religioso da nossa cultura*, usada por J. Martín Velasco (1993) como o título de um de seus livros, alude-se à situação de *mal-estar e desconforto indefinidos* que define e caracteriza a situação religiosa do nosso tempo. A *perda da influência das instituições religiosas*, o *distanciamento da prática* dos seus membros, a diminuição do seu pessoal mais comprometido, estes e outros factos importantes, parecem justificar o veredicto sobre um problema crescente do fator religioso e motivam a questão de saber se não haverá um tipo de incompatibilidade entre a situação da modernidade e o cristianismo. Essas avaliações mostram que a situação da religião na modernidade não é clara; que o fator religioso não consegue encontrar o seu lugar na cultura moderna; que existe, em relação ao fator religioso, uma grande confusão. A religião ainda está realmente presente na nossa sociedade, mas cada vez mais relativizada e relegada para a periferia. Dá a impressão, muitas vezes, de que os sujeitos apenas se referem a ele na forma de nostalgia.

Porém, para uma análise mais exaustiva deste fenómeno, atenda-se a outro enfoque: será que se assiste a um desenquadramento da cultura contemporânea em relação à dimensão religiosa ou, pelo contrário, são as pessoas ditas religiosas que não se reveem na cultura contemporânea? As duas conjugações são plausíveis do ponto de vista da análise.

A transmissão da fé ocupa o primeiro plano das preocupações da Igreja e das comunidades cristãs. A razão dessa preocupação está na grave crise que esta transmissão está a vivenciar, uma

crise que faz parte da *crise de fé* que a maioria dos países ocidentais sofrem com a tradição cristã e que constitui uma das causas mais importantes da agitação religiosa que caracteriza os sujeitos e as comunidades cristãs desses países.

Um primeiro sintoma que pode gerar ou favorecer o mal-estar religioso na nossa cultura parece vir, segundo Humbrecht (2003), da *falta de comunicação* entre o que se anuncia e a cultura em que se vive:

para que haja comunicação é necessário que haja não apenas um emissor e um recetor com consciência mútua de serem interlocutores uns com os outros, mas que, além de existir tal consciência mútua, haja também uma linguagem compreensível para ambos que permita e favoreça, por sua vez, a comunicação (p. 234).

Aqui, talvez, se situe um primeiro problema: saber se existe consciência mútua da existência de ambas as realidades e se há um reconhecimento recíproco de ambos os interlocutores - o oposto será a ignorância mútua ou o desinteresse de pelo menos uma das partes.

Por vezes, há a impressão de que a pregação não é capaz de alcançar os corações e as vidas das pessoas a quem se dirige. Será porque a linguagem é muito eclesial? Ou será porque o discurso é muito distante das preocupações das vidas das pessoas? Ou dever-se-á a ambas as questões e muitas outras? Deve, então, questionar-se se a pregação ou a linguagem que é utilizada é inteligível e adequada ao tempo, se leva em conta, no seu conteúdo e linguagem, como refere a *Gaudium et Spes*, nº 1, as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos cidadãos do nosso tempo.

Há, hoje, novas realidades emergentes que merecem toda a atenção, desde logo a *indiferença religiosa gregária, a perda de credibilidade das instituições, o surgimento de novos fenómenos pseudoreligiosos, etc.*

O fator religioso, além de se ter tornado, para muitos, esotérico, parece ter perdido o interesse. Na contemporaneidade, já não se admite que as Igrejas veiculem um discurso impositivo para todos, como que se a sociedade fosse padronizada. A cultura ocidental não aceita prontamente o caráter tradicionalmente totalizante das religiões. Muito menos o seu pretensão caráter profético, que, por outro lado, não pode renunciar. A religião, os seus ritos e as suas formas, e também os seus discursos, propõem ao ser humano modelos de vida que não são facilmente aplicáveis à consciência autónoma dos homens e mulheres de nosso tempo. A religião situa, por natureza, o ser humano como entidade, dependente de uma realidade superior ou transcendente. E isso é algo intolerável para muitos de nossos contemporâneos ocidentais, herdeiros de um antropocentrismo que exalta a consciência individual acima de qualquer outra realidade.

O desconforto também é sentido dentro das religiões tradicionais e seus membros, que nem sempre aceitam facilmente o outro nem o pluralismo dominante. Todas as religiões são consideradas transmissoras de uma verdade, mas às vezes encontram enormes dificuldades quando se trata de dialogar com uma sociedade que se constitui da pluralidade. O que, em teoria, é apresentado como respeito pela diversidade é frequentemente interpretado como relativismo cultural ou fonte de subjetivismo infundado. É assumido, também com dificuldade, o estilo democrático das nossas sociedades europeias, especialmente, em instituições ou sistemas religiosos nos quais tradicionalmente o seu caráter hierárquico moldou as suas estruturas organizacionais ou operacionais.

Não devemos esquecer, neste contexto, a *perda significativa de relevância social das religiões tradicionais*, que também é muitas vezes uma fonte de desconforto para muitas pessoas religiosas. A religião já não lidera os grandes consensos. Eles são liderados por uma ética coletiva

[Bellah, 2005; Giner, 1991]. As religiões, tradicionalmente criadoras de cultura, consideram difícil entrar nos canais criativos da cultura contemporânea e, mesmo nas suas formas externas, quando reproduzem e mostram imagens do passado, que só dizem algo para aqueles que um dia conheceram o seu significado. O que torna a arte religiosa hoje tão distante das novas expressões artísticas?

Tudo parece convidar para estar na retaguarda e adotar posições defensivas ou intimistas. A dimensão religiosa é algo que pertence apenas à esfera privada, ou contribui de alguma maneira para a construção da sociedade? Como é que se pode integrar as crenças religiosas numa tradição que parece socialmente inaceitável e irrelevante devido ao facto de aparecer como algo *arcaico*? Será que as religiões tradicionais perderam a credibilidade, porque deixaram de conseguir transmitir adequadamente a sua valiosa tradição?

Há também muitas pessoas que sofrem o desconforto que, em seu julgamento, geram as suas próprias instituições religiosas. Desconforto devido a uma certa *fratura eclesial* (da hierarquia em relação aos seus fiéis, dos bispos e religiosos, dos crentes com o resto da sociedade). Desconforto no processo de transmissão da fé, na perda da ilusão dos mensageiros, na rutura de expectativas dos destinatários. O afastamento frequente das grandes questões que parecem preocupar a nossa sociedade e a falta de adequação entre o que é dito e o que é feito podem também ser potenciadores desse desconforto. Mas nem por isso muitos renunciam à sua vivência religiosa, conscientes do papel que a fé tem nas suas vidas e da consciência de que os valores que a Igreja veicula são humanizadores da sociedade.

Caracterização dos Jovens

A partir da passada década de 60, os sociólogos começaram a distinguir as diferentes gerações de jovens, segundo as suas características. Diferentes denominações entraram no vocabulário comum, entre eles, os *baby boomer* (que nasceram depois da Segunda Guerra Mundial, entre 1946 e 1965), a *geração X* (entre 1965 e 1980), a *geração Y* ou *millennials* (entre 1980 e 2000), mas também se falou da *Geração Einstein*, *Geração MTV*, *Geração K*, entre outras. O grupo *Barna*, juntamente com o seu parceiro, o Instituto *Impact 360* (Kinnaman, 2018), procuraram conhecer e compreender a geração seguinte, suspeitando que a geração pós-*millennials* iria trazer diferentes valores e novos contributos para a nossa cultura, não sendo apenas mini-*millennials*. Chamaram, assim, Geração Z aos nascidos entre 1999 e 2015.

O livro *Geração Selfie* traz-nos um estudo de Juan María González-Anleo, publicado em 2015, que se baseou em inúmeras entrevistas a jovens espanhóis, ao longo de 20 anos. Em diferentes momentos o autor apresenta também alguns estudos comparativos com outros países da Europa, incluindo Portugal, que nos dá uma visão mais ampla e clara da realidade estudada.

Neste estudo, o autor apresenta uma análise bastante profunda da juventude ao nível político, social, económico e religioso, usando a imagem da Selfie (autofotografia), que “reflete o permanente ensaio do estou-aqui-agora” (Anleo & González, 2015, p. 10).

Podemos dizer que a *Geração Selfie* é apresentada como aquela que, ao desenvolver-se dentro de uma enorme crise económica, política e social, traçou sobre si própria um círculo impenetrável que os separa do mundo, o que lhes dá, como refere Duque (2007, p. 23), uma “conotação de subcultura”. *Geração perdida*, *geração sacrificada* ou *geração abandonada* são termos que Anleo & González (2015) usam para explicar que o grande problema da juventude atual é a de ser a primeira a viver pior que os seus pais e que prevê que o futuro será sem perspectiva. Segundo Duque, Pereira & Vázquez (2017), os baixos níveis de empregabilidade, a precariedade nas condições em que o trabalho é executado e os baixos rendimentos são alguns dos motivos que justificam aquelas designações.

A atributo de *Selfie à Geração* é também um neologismo que reflete com grande fidelidade o mundo líquido atual dos adolescentes e jovens, num triunfo definitivo do visual em que predomina a imediatez calculada, ficando a intimidade perfeitamente minimizada com a pública exibição para o consumo o que, em sociologia, se passou a denominar por *extimidade* (exterior + intimidade), que, no dizer de Anleo & González (2015, p. 10) “serás visto, serás consumido ou não serás nada”.

Anleo & González (2015) consideram que as sociedades ocidentais passaram de *sociedades consumistas* para se converterem em *culturas consumistas*, onde o consumo se converteu numa forma de pensar(se), projetar(se) e compreender.

Os jovens passaram a ser visto como o *target* de mercado. E este entendimento foi ganhando consistência, quer na fabricação de vários produtos e na criação de estilos musicais, quer no aparecimento de series de televisão, revistas, cosméticos, etc., até se gerar o conceito de que *a juventude* constitui um valor social de referência, que fez com que também o adulto quisesse ser *eternamente jovem*. Uma cultura de consumo, para o qual também contribui os sistemas educativos de massas, que faz com que os jovens se distanciem cada vez mais dos adultos numa autoafirmação quanto aos seus estilos de vida relacionados com o mundo do consumo (Vázquez & Duque, 2017).

Neste contexto social, o consumo não pode ser apenas visto como uma atividade generalizada, mas sobretudo como uma forma de vida que engloba desde a cosmovisão dos seus membros, até à forma como estes se relacionam. No âmbito juvenil, o consumo seria principalmente um consumo de imaginário mais do que um sistema de objetos, que engloba a construção da identidade, a forma de se relacionar. Esta é uma característica que Anleo & González (2015) designam como *rebeldia consumista* e em que se destaca três diferentes dinâmicas: o *consumo de autonomia*, no sentido de que o consumo e os seus espaços proporcionam aos jovens um contexto em que é possível experimentar as suas economias monetárias com liberdade de escolha; *consumo relacional*, como uma forma de estabelecer relações e estar com outros, e o *consumo de identidade*, que obriga aos jovens a viver, construir e ajustar a sua própria identidade num mundo líquido.

Para além do consumo, outras três características da sociedade são apresentadas, e que nos permitem ter uma visão mais clara das características juvenis. Um dos primeiros argumentos apresentados é o que Anleo & González (2015, p. 141) apelida de “complexidade da realidade e sobressaturação da informação” que pode levar os jovens a sentirem-se desorientados e com dificuldade de discernimento, diante daquilo que se denominou de “infobesidade” (Toffler, 1973, pp-247-250), isto é, a incapacidade das pessoas para gerirem volume de informação disponibilizada, caracterizado não só pelo excesso de informação de toda a índole, mas também pela superficialidade na abordagem dos temas.

Uma outra característica que Anleo & González (2015, p. 147) apontam é a da “indiferença ou apatia” que se foi estabelecendo na sociedade e que leva os jovens a demonstrarem um enorme desinteresse face às situações políticas, económicas, religiosas e sociais, manifestando até que “não vale a pena” lutar pelos seus direitos. Segundo os autores citados, os jovens aprenderam que fazer manifestações não traz qualquer benefício, nem alterações sociais.

Esta apatia manifesta-se sobremaneira sobre as questões religiosas. Não se trata, pois, de uma repulsa dos jovens à Igreja, mas de uma enorme indiferença. As novas gerações são, na sua larga maioria, ateístas. Vejam-se, a este propósito, os indicadores de religiosidade juvenil apresentados nos inquéritos do *European Values Survey*, *European Social Survey* e *International Social Survey Programme*, comparados por Coutinho (2020).

Esta atitude pode ser motivada pela falta de modelos adultos credíveis e significativos, o que pode gerar opções de abandono. Os jovens e a Igreja vivem, assim, tal como refere Carvalho (2010, p. 423), como que em campos opostos, “do outro lado do círculo, com uma grande

fissura aberta entre o que os jovens entendem por religião e o que entende a doutrina oficial, entre as normas da Igreja e as normas dos jovens”.

González e Anleo (2015, p. 155) referem-se ainda à questão do “relativismo e da intersubjetividade”, que nos jovens se manifesta não só nas questões pessoais (como a música ou a moda), mas também em temas morais estruturantes, direitos humanos ou valores fundamentais, considerando que em algumas situações pode derivar para um “vale tudo”.

Perante esta situação, os jovens têm um sentimento de abandono por parte do sistema político e económico, que não lhes oferece esperança, emergindo, por isso, outras estratégias de vínculo social, que se concentram nos grupos primários, concretamente, família e amigos. Ao longo destes últimos 20 anos, a valorização por parte da juventude da família e dos amigos tem os valores mais altos de sempre (Duque, 2013). A estratégia do vínculo nestes grupos primários produz-se a par do distanciamento das Instituições e tem um duplo sentido, por um lado desde a perspectiva mais instrumental, dando ao jovem a confiança e estabilidade, cada vez mais necessária no contexto precário e instável; por outro lado desde o ponto de vista mais afetivo, oferecendo um contexto de identidade através de símbolos, estilos, segurança sentimental e regras.

Os jovens *selfie* desenvolvem estratégias individuais que, longe de fazê-los mais fortes, cria mais vulnerabilidade, obrigando-os a fecharem-se sobre si próprios, protegendo-se face a uma sociedade que não compreendem e que sentem como ameaça.

Os jovens e a Igreja

São duas as principais atitudes dos jovens relativamente à Igreja: identificação e adesão ou rejeição mais ou menos radical. Neste sentido, com base na descrição de González e Anleo, em *Geração Selfie* (2015), distinguem-se aqueles que se identificam com a Igreja, participando e mantendo-se fiéis (*nucleares*); os que estão superficialmente ligados à Igreja, por tradição ou dever familiar (*mediocres*) e os que nem participam nem mostram interesse (*distantes*).

Por outro lado, a confiança ou desconfiança dos jovens pela Igreja alimenta-se ao longo da vida, com as suas vivências e experiências a partir das comunidades de proximidade. Assim, consoante as vivências sejam mais ou menos positivas, é possível encontrar outras atitudes dos jovens, não só relativamente à Igreja, mas também à fé e à sua identificação como cristãos. Segundo Kinnaman (2011) alguns jovens optam por deixar a Igreja, mas continuam a considerar-se cristãos (*nómadas*), outros perderam a fé e descrevem-se a si próprios como não cristãos (*pródigos*) e, por último, investem na fé cristã, mas sentem-se perdidos entre a cultura e a Igreja (*exilados*). Importa ainda sublinhar que, para muitos jovens, a dimensão religiosa está acima da Igreja e dos seus ritos.

Metodologia

A nossa investigação recorre a uma abordagem qualitativa, permitindo-nos um conhecimento mais aprofundado da realidade que nos propomos estudar. Segundo Coutinho (2011, p. 28), esta metodologia “trata de investigar ideias, de descobrir significados nas ações individuais e nas interações sociais a partir da perspectiva dos atores intervenientes no processo”.

Recorremos à entrevista semiestruturada como técnica de recolha de dados. Esta técnica é, segundo Selltiz *et al.* (in Gil, 1999) “essencial para se conseguir informações sobre o que as pessoas sabem, creem, esperam ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes” (Selltiz, Jahoda, Deutsch & Cook, 1967, p. 273), daí o facto de pensarmos que é o instrumento que melhor se adequa ao tema que aqui analisamos.

Construiu-se, assim, um guião composto por cinco questões, o qual antes de ser aplicado foi devidamente testado junto de uma amostra em tudo semelhante à população final.

Quanto à amostra, recorreremos a um processo por conveniência, a partir de casos disponíveis aos quais tivemos acesso. Desta forma, e dado que o objetivo deste estudo visa perceber a relação que os jovens têm com a dimensão religiosa, mais concretamente com a Igreja Católica, optou-se por entrevistar além de jovens, agentes de pastoral, o que fez uma amostra de 20 agentes de pastoral de diferentes dioceses (formadores, sacerdotes, religiosas(as), leigos envolvidos em paróquias) e de 20 jovens, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, também de diferentes dioceses.

Relativamente à análise e interpretação das informações recolhidas, seguiu-se o procedimento de Bardin (2010) para a análise de conteúdo, recorrendo a uma categorização inicial, através da leitura flutuante do texto, a que se seguiu a categorização intermédia, aglutinando as categorias iniciais mais expressivas, as quais, por sua vez, através da similitude de padrões, deram origem às categorias finais.

O guião de entrevista foi elaborado tendo por base as seguintes dimensões analíticas:

Para o guião dos jovens: Ligação dos jovens à Igreja; Perda de fé; O que a Igreja pode dar; Aspectos positivos e negativos da Igreja; A Igreja e mudanças na sociedade.

Para o guião dos agentes pastorais: Ligação dos jovens à Igreja; Ausência de envolvimento na Igreja; Aspectos positivos e negativos da vida da Igreja; Contributos dos jovens à Igreja; Os jovens e a cooperação paroquial.

Interpretação de dados

A análise de conteúdo partiu de cada uma das questões, procurando agrupar as respostas recolhidas de acordo com o seu grau de afinidade. Numa primeira fase, tratou-se em separado as entrevistas aplicadas aos jovens e as aplicadas aos agentes de pastoral; posteriormente, procedeu-se a uma comparação entre pontos similares, de modo a permitir um maior aprofundamento dos resultados obtidos.

Entrevista aos jovens

Relativamente à primeira questão *como vê a ligação dos jovens à Igreja?* encontramos duas perspetivas: a mais compartilhada refere que *a ligação é nula ou reduzida*; a outra, menos elencada, e com argumentos mais diversificados, indicia uma *ligação positiva e importante*. A opinião mais generalizada é de que *a ligação é nula ou reduzida* devido à *falta de interesse dos jovens*, que estão cada vez mais distantes, resultando numa *ligação fria e cada vez mais escassa*. Entre os motivos, referem um *maior desinteresse sobre as questões ligadas à Igreja*, bem como uma *menor educação/formação por parte dos pais*.

Não há ligação nenhuma, porque não há interesse por parte dos jovens (J 4, Estudante, F, 18 anos). *A ligação dos jovens à Igreja, hoje em dia, é praticamente nula, ou muito reduzida* (J 6, Estudante, M, 25 anos).

Nos dias de hoje, a ligação dos jovens à Igreja é cada vez mais escassa. Há mais desinteresse no saber sobre a Igreja, mais vergonha, mais influência negativa, menos informação/educação da parte dos pais, levando, estes fatores todos, a um afastamento da parte dos jovens perante a Igreja. Claro que há jovens que ainda participam, mas penso que é devido à sua educação. Para mim a educação é um fator que influencia a ligação entre algo! (J 10, Estudante universitária, em Música, F, 19 anos).

Por outro lado, temos a opinião que *a ligação é positiva e importante*, na medida em que *permite um desenvolvimento dos jovens a vários níveis*, num processo que é *auxiliado por diversas instituições ligadas à Igreja*. Destaca-se também o *contributo dos jovens para a renovação da Igreja*.

Acredito no papel fundamental da Igreja em relação aos jovens, em termos de desenvolvimento pessoal, vocacional... de orientação para/e com a vida. A Igreja é um instrumento necessário para muitos jovens, sobretudo quando vivemos tempos de desorientação geral e com as ofertas que vão surgindo os jovens podem cair na tentação de seguir a multidão, perdendo a sua própria identidade, o seu próprio caminho (J 10, Designer de Comunicação e Produção Audiovisual, F, 25 anos).

É essencial para o crescimento tanto da Igreja como dos jovens, apesar de nos dias de hoje se notar cada vez mais um afastamento dos jovens da Igreja (J 9, Enfermeira, F, 23 anos).

Cada vez mais autêntica e honesta. Nós, jovens, temos sedes que só o Criador pode saciar... Mas para isso, precisamos de O encontrar. As Universidades, paróquias e movimentos são um bom meio para os jovens convidarem e cativarem outros jovens (evangelização) (J 3, Administrativa num Centro Paroquial, F, 25 anos).

Quanto à segunda questão, *o que é que, na sociedade de hoje, leva os jovens a perder a fé*, o leque de respostas é diversificado. É pertinente referir que a maior parte das respostas apresenta a *própria Igreja como responsável para essa perda de fé*; enquanto foram poucas as opiniões de que a *perda de fé ocorre devido a fatores externos à Igreja*. Houve ainda respostas que mencionaram *fatores intrínsecos à vivência da fé pelos jovens*.

De entre os vários fatores que culpabilizam a Igreja pela perda de fé dos jovens, refere-se a *incapacidade de adaptação da Igreja aos dias de hoje; muito agarrada a um certo estilo rigorista e aos rituais*; e a *não inclusão dos jovens na vida da Igreja*.

O que se ensina na Igreja nem sempre corresponde à realidade. A vida cristã muitas vezes é apresentada como uma vida perfeita onde tudo corre bem. As crianças são ensinadas assim desde o primeiro ano de catequese e até antes em casa porque é assim que muitas vezes os seus pais lhes falam. Como se se esquecessem de mostrar às pessoas que seguir Jesus é seguir Aquele que foi crucificado e não o que viveu num palácio de ouro. E para qualquer jovem que começa a ter anseios de descobrir o seu lugar no mundo e como qualquer jovem normal só quer o melhor para si e para os outros e a Igreja não parece apresentar isso a ninguém porque tudo o que aprendeu desde sempre só parece uma história. Não chega à sua realidade (J 2, Estudante, F, 21 anos).

Talvez um rigor clerical que assusta e limita. Talvez as diferenças visíveis entre paróquias, cidades, países... A Igreja é Universal, deveriam por isso existir as mesmas 'leis'/'regras' onde quer que fosse. Talvez também a dificuldade [concretamente em certas zonas do país - experiência própria] em encontrar um sacerdote/consagrado que ajude a fazer um caminho espiritual mais sério (J 3, Administrativa num Centro Paroquial, F, 25 anos).

Falta de clareza na mensagem que se passa; escândalos dos padres (J 7, Empresário, M, 27 anos).

A não inclusão dos jovens e suas ideias na Igreja; Igreja limitativa, muito baseada em rituais, pouca comunicação com a comunidade e a sua variedade multicultural, multiformacional (J 9, Enfermeira, F, 23 anos).

São apontados como motivo de perda de fé as diversas *ocupações/distrações dos jovens* e a *falta de exemplo por parte dos pais e da sociedade em geral*.

Mais concretamente na sociedade acho que em primeiro lugar o que leva os jovens a perder a fé é a comunicação social e os próprios ideais da sociedade. As únicas notícias que se veem da Igreja são sempre negativas, normalmente são as piores. E cada vez mais a comunicação social tem um grande poder sobre as pessoas e se a Igreja é apresentada como algo mau então é o que as pessoas vão captar e adquirir como opinião própria e nas suas ideias com legitimidade porque têm razões para criticar a Igreja e afastarem-se (J 2, Estudante, F, 21 anos).

Como há atividades extra, a Igreja não tem nenhum interesse para os mais novos (J 4, Estudante, F, 18 anos).

O que na sociedade de hoje, leva os jovens a perder a fé é sobretudo pelo mau exemplo dos pais e o próprio quotidiano das pessoas (J 6, Estudante, M, 25 anos).

Alguns jovens afirmam ter *medo do compromisso* e de *não encontrarem na Igreja aquilo que procuram*.

O medo e a falta de confiança. Ter fé não é condição de “estar tudo bem” e isso assusta. O medo da solidão, o medo do compromisso... o “ficar preso a”. Ter fé, também é ficarmos “presos” a um Amor Maior que nos leva ao compromisso, à responsabilidade... que nos chama, diariamente, a sermos à Sua imagem e semelhança. E sê-lo não é fácil, nem sempre é claro e as tentações são tantas vezes maiores (J 1, Designer de Comunicação e Produção Audiovisual, F, 25 anos).

O facto de acharem que é uma perda de tempo rezar, pois não dá interesse (J 8, Estudante, F, 18 anos).

Em relação à terceira questão, *o que é que gostarias que a Igreja oferecesse hoje aos jovens*, alguns mencionam a questão do *acompanhamento e orientação*; contudo, o principal desejo é o de *serem tratados como pessoas únicas, e não de forma impessoal, dando-lhes um papel ativo no seio da Igreja*; alguns ainda procuram mais atividades.

Muitos jovens referem a necessidade de um *acompanhamento espiritual continuado* e uma *orientação constante*.

Creio que a Igreja se encontra muito ‘atarefada’, com falta de tempo para os jovens, para a escuta. Os jovens precisam de portas escancaradas e isso ainda é difícil. Há muita oferta para os jovens se integrarem nos meios estudantis: atividades, dinâmicas..., mas e depois? Sinto que se vive muito um dinamismo ‘do momento’ com falta de alimento para o futuro, mas a sede continua com mais profundidade e procura (ainda que, possivelmente, de forma mais silenciosa). Mas falta um acompanhamento geral para os jovens que, ainda sendo jovens, já não são estudantes, mas também não se sentem enquadrados e com oferta única de missa dominical’. Os jovens querem compromisso duradouro. Querem atenção, precisam dessa atenção e de sentir que têm valor, que a caminhada deles não se fica pelas ‘atividades’ ou pela questão vocacional. Os jovens precisam da Igreja como bússola de orientação constante, de desafio e de presença! (J 1, Designer de Comunicação e Produção Audiovisual, F, 25 anos).

Serem tratados como pessoas únicas, e não de forma impessoal, dando-lhes um papel ativo no seio da Igreja.

Há uma perspetiva inerente a esta vontade — a de *não serem apenas mais um elemento do grupo, de lhes serem dadas oportunidades em Igreja e de haver uma adaptação ao mundo atual. “Em primeiro lugar acho que cada pessoa devia ser vista como pessoa e não como parte de um grupo onde esteja inserida, quer numa turma, quer num grupo de catequese, de jovens, de acólitos. Cada pessoa é uma pessoa e a Igreja devia marcar a diferença aqui mesmo, dando o valor a cada indivíduo.... Os jovens precisam de ter voz e precisam que os deixem também chegar à frente.... A Igreja deve valorizar os seus jovens, dar-lhes lugar. Mas indo um pouco ao seu encontro através daquilo que é o seu dia a dia e o seu tempo* (J 2, Estudante, F, 21 anos).

Os jovens que referem as atividades fazem-no de forma algo vaga, e por vezes relacionada não com uma vertente lúdica, mas de *papel ativo na Igreja*.

Mais ‘atividades’ para chamar a atenção dos jovens. Mais iniciativas (J 4, Estudante, F, 18 anos).

Algo que os cativasse e acendesse a chama da Fé (J 5, Estudante, F, 20 anos).

Relativamente à quarta questão, *aspetos positivos e negativos da vida da Igreja*, a grande dispersão de respostas não permite eleger *aspetos positivos* que se destaquem claramente dos demais; quanto aos *aspetos negativos*, são similares aos anteriormente apresentados como responsáveis pela perda de fé dos jovens, nomeadamente a *incapacidade de adaptação da Igreja aos dias de hoje*, estar *muito presa ao rigor e a rituais*, e a *não inclusão dos jovens na vida da Igreja*, para além de referirem *problemas internos da Igreja*. Deste modo, optou-se pela simples divisão em *aspetos positivos* e *aspetos negativos*.

Aspetos positivos: Alegria, Reconciliação como caminho de salvação, Juventude, os exemplos de fé (J 3, Administrativa num Centro Paroquial, F, 25 anos); *Ainda há quem faça algo pela Igreja gratuitamente* (J 5, Estudante, F, 20 anos); *União entre pessoas, fornece algumas respostas sobre o ser humano, praticar o bem e estar sempre pronto para ajudar o próximo* (J 6, Estudante, M, 25 anos).

Aspetos negativos: Preparação dos seminaristas (claramente olhando para a realidade onde vivo e para os padres da minha diocese, de um modo geral); ‘falta de tempo’ para a verdadeira missão de cada cristão (perdemo-nos entre trabalhos e afazeres que nos impedem de buscar o essencial, de cuidar as relações, de ir ao encontro...), diferenças na forma de entender as ‘normas’ e atuar consoante a cidade onde se vive (J 3, Administrativa num Centro Paroquial, F, 25 anos). *Está envolvida em alguns escândalos* (J 6, Estudante, M, 25 anos).

Por fim, na última questão perguntava-se *o que é que a Igreja pode mudar na sociedade*. Destacou-se a ideia de que a Igreja pode ser promotora de *maior união, preocupação com o próximo*, com cada pessoa.

A Igreja pode mudar valores, mudar caminhos e objetivos. Pode dar sentido à dor, à alegria, à solidão. A Igreja é (ou devia ser) um pilar da sociedade... Precisamos também de uma Igreja adaptada aos tempos, à realidade e que nessa adaptação não perca o foco do essencial... É preciso abertura de espírito, de vontade, de mudança (J 1, Designer de Comunicação e Produção Audiovisual, F, 25 anos).

Entrevista aos agentes de pastoral

Relativamente à primeira questão, ou seja, à forma *como se vê a ligação que atualmente os jovens estabelecem com a Igreja*, encontrámos três perspetivas. A mais compartilhada, tal como no questionário dos jovens, refere que *a ligação é nula ou reduzida*; outra, menos com menor expressão, refere haver *dois tipos de jovens – os que frequentam e os que não frequentam*, e apenas uma resposta apresenta uma *ligação positiva dos jovens com a Igreja*.

Tal como se referiu, a opinião mais generalizada é de que *a ligação é nula ou reduzida* devido à *falta de interesse dos jovens*, que estão cada vez mais distantes, que se traduz numa *falta de compromisso*. Entre os motivos, referem-se a existência de *preconceitos transmitidos pela família e pela sociedade*, bem como *estar sempre num segundo plano relativamente a outros atrativos da sociedade*.

Muito frágil, desconfiada e sempre num segundo plano relativamente aos atrativos que a sociedade apresenta (AP 3, Economista, M, 55 anos).

Os jovens envolvem-se pouco. Há pouca ligação, não querem conhecer mais... não têm interesse (AP 5, Assistente de consultório, F, 39 anos).

Dois tipos de jovens: os que frequentam e os que não frequentam. De entre as duas respostas que vão nesse sentido, destaca-se a que refere como fatores de perda de frequência a *falta de jovens em alguns locais*, e a *mudança de local, por prosseguimento dos estudos*.

Há jovens interessados no cristianismo e a frequentar a Igreja católica e há outros que não frequentam a Igreja (AP 1, Engenheiro, M, 73 anos).

A realidade é muito abrangente. Há lugares onde não há jovens pela falta de natalidade e por isso se há 10 ou 20 anos havia grupos, neste momento não...

Já quanto à *ligação positiva dos jovens com a Igreja*, a única resposta menciona a *procura de respostas pelos jovens*, bem como a *procura de acolhimento e acompanhamento*:

Os jovens procuram na Igreja resposta às questões mais fundamentais da vida, procuram respostas para se compreenderem a si próprios e em busca de uma experiência não passageira, mas duradoura de Deus; procuram também nela o acolhimento das suas fragilidades e a compreensão e acompanhamento dos seus problemas (AP 6, Consagrada, F, 34 anos).

Quanto à segunda questão, *o que é que, pela sua experiência, pode levar os jovens a não se envolverem na Igreja na sociedade de hoje*, e ao contrário do que acontece com o questionário dos jovens, é notória a incidência de respostas que falam em *fatores externos à Igreja*, logo seguido de *fatores intrínsecos à vivência da fé pelos jovens*.

Vejam os *fatores externos à Igreja*. Tal como no questionário dos jovens, volta-se a falar em *ocupações/distrações dos jovens* e *falta de exemplo por parte dos pais e da sociedade em geral*.

Múltiplas solicitações mais atraentes e que parecem mais urgentes. Desde a infância (primeira comunhão) corte com a prática religiosa e por isso não conhecem ninguém que os ajude a inserir-se e lhes transmita outra imagem mais positiva (AP 2, Gestora, F, 54 anos).

Vejam agora os *fatores intrínsecos à vivência da fé pelos jovens*. Quanto a estes, é referida a *perspetiva de falta de atualização da Igreja por parte dos jovens*, bem como a *falta de envolvimento* e a *falta de compreensão de certos temas*.

A transmissão da fé já não chegou a esta geração de jovens. Preconceito de que a Igreja e a religião católica passaram de moda. (...) Falta de compromisso sério em geral e por isso também na Igreja (AP 2, Gestora, F, 54 anos).

Em relação à terceira questão, *sobre os aspetos positivos e negativos da vida da Igreja*, nos *aspetos positivos* existe um enfoque nas *celebrações e atividades*, principalmente a nível paroquial, mas também a nível diocesano, nacional, ou mesmo internacional, nomeadamente:

As homilias bem feitas pelo padre que celebra a Eucaristia; o ambiente entre aqueles que frequentam as Eucaristias; as atividades propostas pela paróquia; a boa escolha dos cânticos nas celebrações; as celebrações festivas muito bem programadas, bem organizadas, alegres e participadas (AP 1, Engenheiro, M, 73 anos).

Há também uma incidência das respostas nos *serviços*, sobretudo sociais, tais como:

as atividades de cariz social e caritativo (AP 1, Engenheiro, M, 73 anos). o trabalho social onde os jovens poderiam ser solicitados (voluntariado) (AP 2, Gestora, F, 54 anos). Apoio aos mais necessitados (AP 3, Economista, M, 55 anos).

e na *formação*, na qual se destaca:

a Catequese como formação cristã de crianças, adolescentes, jovens e adultos; a participação em palestras e conferências desenvolvidas na Igreja; as celebrações festivas muito bem programadas, bem organizadas, alegres e participadas (AP 1, Engenheiro, M, 73 anos).

De registar também um conjunto de aspetos não enquadrados anteriormente, mas que pretendem evidenciar a preocupação da Igreja para com a comunidade de crentes:

Aproximação cada vez mais visível aos jovens; envolvimento da Igreja no mundo digital; diálogo ecuménico na busca da paz e da justiça, comprometendo-se no bem comum; o esforço por mudar uma Igreja piramidal, integrando os leigos na vida ativa da Igreja; uma Igreja que caminha nas periferias (AP 6, Consagrada, F, 34 anos).

Já quanto aos *aspetos negativos*, os problemas mais mencionados prendem-se com a *falta de integração na sociedade atual*, e com a *falta de apoio e acompanhamento aos jovens*:

Distância entre os interesses dos jovens e as propostas das paróquias; instituição pesada e fechada a novas ideias que pudessem surgir dos jovens (AP 2, Gestora, F, 54 anos).

e os *problemas internos da Igreja*, sobretudo a *nível paroquial*:

A pouca disponibilidade e boa vontade do pároco para atender pessoalmente um paroquiano; o mau ambiente provocado por paroquianos maldizentes; o mau feitio do pároco que se revela em certos momentos; a má escolha dos cânticos para as celebrações; muita variação de cânticos, de domingo para domingo, por exemplo, não se prestando à participação da assembleia; o frio dentro da igreja em tempo de inverno; o uso excessivo do latim em celebrações, como já assisti em Fátima; homilias longas, normalmente feitas por bispos, quando estão presentes muitas crianças de tenra idade (as da catequese das crianças) (AP 1, Engenheiro, M, 73 anos).

No que diz respeito à quarta questão, *quais os contributos que estes jovens podem dar à Igreja*, a tónica na *mudança/renovação* e no *rejuvenescimento* são uma constante; ainda assim, algumas respostas aludem à *falta de vontade* dos jovens para o efeito.

Quanto à *Mudança/renovação e rejuvenescimento*, os agentes pastorais referem: *Os jovens podem sempre mudar o mundo, pelo seu fervor e empenho próprios da sua idade* (AP 3, Economista, M, 55 anos).

Já quanto à *falta de vontade* fazem saber:

Se realmente gostassem ou se fossem atraídos para Igreja eu acho que o mundo seria melhor (AP 8, Empregada fabril, F, 30 anos).

Há muitos contributos para dar à Igreja, o problema é que os jovens não querem (AP 10, Desempregada, F, 60 anos).

Na quinta e última questão, em que se perguntava *sobre o trabalho que está a ser realizado com os jovens na paróquia e que outras respostas/propostas gostaria de encontrar*, percebeu-se que o grupo com estrutura formal que continua a incluir mais jovens é a *catequese*, seguida pelo *Escutismo*. Há também diversas respostas que referem *grupos de jovens*, quer paroquiais quer inseridos na pastoral juvenil, ou pertencentes a movimentos nacionais, ou mesmo internacionais, bem como *grupos litúrgicos*: acólitos e leitores. Em menor quantidade, aparecem os *grupos ligados à formação ou ao voluntariado*.

Quanto aos grupos formais, foi fácil perceber que a *Catequese/escutismo/grupos de jovens/grupos litúrgicos* são os grupos que mais agregam os jovens:

Além da catequese, existem os escuteiros e procura-se também após a formação catequética que se envolvam nas restantes atividades, sejam elas de carácter religioso ou social (AP 3, Economista, M, 55 anos).

Alguns jovens estão inseridos no escutismo e outros na catequese e pouco mais vejo na comunidade (AP 10, Desempregada, F, 60 anos).

Relativamente aos *grupos ligados à formação ou ao voluntariado* os agentes de pastoral partilharam as seguintes ideias:

Nas minhas paróquias existem os grupos do 10º e 11º ano e reúnem semanalmente com um casal catequista. Existem também os grupos de jovens pós-crisma e reúnem de 15 em 15. Estes grupos, uma vez por mês fazem uma experiência de oração (AP 4, Sacerdote da Igreja Católica, M, 34 anos).

Conclusão

Chegados aqui, e após termos apresentado as ideias centrais de ambas as entrevistas, quer dos jovens quer dos agentes de pastoral, permanecem dimensões analíticas centrais que se quer agora realçar de forma a melhor conhecer a forma como os jovens se relacionam com a religião.

Naturalmente, quando se partiu para esta investigação, estávamos preparados para não obter respostas conclusivas, no entanto, diga-se, foi uma surpresa verificar a quantidade e diversidade de respostas que abrem caminho para a elaboração de novas perguntas. Foi motivo de admiração que os entrevistados não conseguissem identificar aspetos positivos que a sociedade pudesse dar à Igreja, sendo talvez esse um caminho de novo aprofundamento.

Confirma-se a percepção que, globalmente, a ligação dos jovens à Igreja é cada vez mais reduzida, sendo que a própria Igreja é apontada como a principal responsável para o afastamento

da fé. Os jovens esperam uma maior abertura por parte da Igreja, um lugar no qual possam ser eles próprios e dar o seu contributo:

Tal como refere o Documento final do Sínodo dos Bispos, sobre a *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, de outubro de 2018:

Devemos ser santos, para poder convidar os jovens a sê-lo. Os jovens pediram, em voz alta, uma Igreja autêntica, luminosa, transparente e jubilosa: só uma Igreja de santos pode estar à altura de tais pedidos! (n.º 166).

Contudo, são elencados aspetos positivos da vida da Igreja, nomeadamente o suporte espiritual e a união entre os crentes.

Foi também possível constatar que os agentes da pastoral não partilhavam, na generalidade, da opinião dos jovens relativamente à religião, considerando que estes, em simultâneo com a sociedade em que vivem, são os principais responsáveis pela erosão da sua própria dimensão espiritual, atribuindo pouca ou nenhuma responsabilidade à Igreja em si, ou ao modo como esta se relaciona com os jovens.

Há, portanto, um longo caminho a desbravar: por um lado, procurar uma aproximação mútua entre os jovens e a Igreja, pois, ambos são corresponsáveis pela perda ou fortalecimento da fé e pela presença, mais ou menos explícita, da religião na sociedade atual; por outro lado, importa eliminar um preconceito demasiado arraigado relativamente aos jovens, que parece tê-los desprovido de toda e qualquer espiritualidade e transcendência. A esta tarefa são chamados, em primeiro lugar, os pais, primeiros responsáveis pelo crescimento na fé, reavivando práticas religiosas familiares; em seguida, as paróquias, pouco preparadas para lidar com a jovialidade e irreverência dos jovens. De forma a tornarem-se mais atrativas, as suas portas devem ser escancaradas, os jovens devem ser envolvidos em todas as dinâmicas paroquiais, devem ser criadas dinâmicas de grupo e incentivar a uma participação ativa e responsável de todos. A ideia é que todos têm lugar. Também os estabelecimentos de ensino e de formação, nomeadamente através da disciplina de EMRC, e da pastoral juvenil e universitária, podem constituir um suporte espiritual fundamental nos dias de hoje.

Bibliografia

ANLEO, Sánchez; GONZÁLEZ, Juan María. *Generación Selfie*, Madrid: PPC, 2015.

BARDIN, Laurence. *L'Analyse de contenu*. Paris: Presses universitaires de France, 1980.

BARNA GROUP. *Gen Z: The Culture, Beliefs and Motivations Shaping the Next Generation*. California: Barna Group, 2018.

BAUMANN, Zigmunt. *A modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BELLAH, Robert. Civil religion in America. *Daedalus*, 134, 2005, p. 40-55.

CARVALHO, Cristina Sá. A experiência religiosa dos adolescentes. *Theologica*. N.º 45. 2.ª série, Fasc. 2, Braga, 2010, p. 411-433.

CONCÍLIO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, in *AAS* 58 (1966), n.ºs. 1025-1115.

COUTINHO, Claro Pereira. *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Edições Almedina, 2011.

Coutinho, José. *Religião em Portugal. Análise Sociológica*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2020.

DELMAZO, Caroline; VALENTE, Jonas. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. *Media & Jornalismo*, 18, 32, 2018, p. 155-169.

DUQUE, Eduardo; DURÁN VÁZQUEZ, José. Quanto interessa a religião católica aos jovens? Um estudo a partir do caso português. *Revista Cultura & Religión*, 14, 2, 2020, p. 17–35.

DUQUE, Eduardo; PEREIRA, Cícero; VÁZQUEZ, José. *Inserção profissional dos jovens de Braga*. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 2017.

DUQUE, Eduardo. Atitude dos jovens portugueses face à religião. In: Plataforma Barómetro Social do Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2013. Disponível em: <http://www.barometro.com.pt>. Acesso em: 11/2020.

DUQUE, Eduardo. *Mudanças culturais, mudanças religiosas. Perfis e tendências da religiosidade em Portugal numa perspetiva comparada*. Vila Nova de Famalicão: Editora Húmus, 2014.

DUQUE, Eduardo. *Os Jovens e a Religião na Sociedade Actual. Comportamentos, Crenças, Atitudes e Valores no Distrito de Braga*. Braga: Council of Europe, Secretaria de Estado da Juventude, Instituto Português da Juventude, 2007.

GINER, Salvador. Religión civil. *Claves*, 11, 1991, p. 15-21.

HUMBRECHT, Thierry-Dominique. *El Teatro de Dios. Discurso sin pretensiones sobre la elocuencia cristiana*. Salamanca: Editorial San Esteban, 2003.

IVORRA, Adolfo. Liturgia y juventud. In: GONZÁLEZ PADRÓS, Jaume. *Liturgia y espiritualidad*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, Ano 48 n° 8-9, 2017, p. 420-427.

KINAMANN, David; HAWKINS, Aly. *You Lost Me: Why young Christians are living Church... and rethinking faith*. Michigan: BakerBooks, 2011.

LIMA, Sandra; PESCAROLO, Carina; ZAGONEL, Marina. Há privacidade na sociedade da informação? Uma análise à luz do princípio da dignidade humana e das redes sociais. *Percurso*, 1, 28, 2019, p. 156-182.

SELLTIZ, Claire; JAHODA, Marie; DEUTSCH, Morton; COOK, Stuart. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo: Herder e Edusp, 1967.

Sínodo dos Bispos, XV Assembleia Geral Ordinária. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*. Documento final. Cidade do Vaticano, 27 de outubro de 2018.

VÁZQUEZ, José; DUQUE, Eduardo. Culturas y generaciones. Actitudes y valores hacia la educación, el trabajo y el consumo en tres generaciones de jóvenes españoles. *Aposta. Revista de Ciências Sociais*, 72, 2017, p. 129-165.

João Matos
Eduardo Duque

A fragmentação da identidade religiosa dos jovens portugueses

VELASCO, Juan Martín. *El malestar religioso de nuestra cultura*. Madrid: Editorial. San Pablo, 1993.